

CONCEPÇÕES DE ESPIRITUALIDADE EM ESTUDANTES CONCLUINTES E RECÉM-FORMADOS DE PEDAGOGIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Alberto Cardoso de Oliveira ¹
Aurino Lima Ferreira ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as concepções de espiritualidade de estudantes concluintes e recém-formados do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, assim como problematizar as possíveis relações entre Espiritualidade e Educação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa participativa exploratória realizada através de questionários e entrevistas semiestruturadas na modalidade online com 93 (noventa e três) participantes e, em subamostra, com entrevistas semiestruturadas online. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise temática e organizados em seis macrocategorias que buscam apresentar as compreensões de Espiritualidade como Religião, Formação Humana, Acontecimento não-religioso, Aquisição de Valores Supremos e Altruista, Processos de Mudança e Transformação do Sujeito e Participativa Decolonial. Nos resultados e discussão a maior parte dos entrevistados reconhece a Espiritualidade como religião ao mesmo tempo em que a menor parte dos entrevistados leram sobre o tema na BNCC ou em contato com componentes curriculares. As entrevistas semiestruturadas dividiram-se entre os discursos mais religioso, híbrido e mais espiritual. O desvirtuamento formativo ou a insuficiência/lacuna de estudos, pesquisas e práticas sobre a Espiritualidade demonstra distorções a favor do proselitismo religioso, o reducionismo como “Ensino Religioso” e a captura para interesses escusos, neoliberais, desumanos e desencantados.

Palavras-chave: Ensino Superior, Espiritualidade, Formação Humana, Formação de Professores; BNCC.

INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória acadêmica, o contato com as interseções sobre Espiritualidade e Educação ocorreu no penúltimo ano da graduação, por meio das disciplinas ministradas pelos professores Dr. Aurino Lima Ferreira e Dr. Rui Gomes de Mattos de Mesquita. Em diálogo com outros graduandos e egressos do curso de Pedagogia do Centro de Educação/UFPE percebi dois relatos predominantes: o primeiro relato reconhece a presença pontual e rasa do tema e restrita a poucos componentes curriculares. O segundo relato, aqueles que não reconhecem a temática como ensino e/ou pesquisa assim como os que defendem que inserir essa coexistência é extrapolar a laicidade da Educação.

Essas narrativas evidenciam ainda mais que Educação e Espiritualidade são concebidas em esferas distintas ou opostas. Como as polissemias se entrelaçam

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, albertocardosodeoliveira@gmail.com;

² Professor Associado do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação - Centro de Educação - UFPE, aurinolima@gmail.com.



intrinsecamente com as disputas epistemológicas sobre o modo de ser, estar e permanecer no mundo, é imperioso distinguir termos como: Educação, Ensino Religioso, Religiosidade, Espiritualidade e Formação Humana ampliando os atuais debates e possíveis compreensões e interpretações para o campo educacional.

Conforme Freire (2011), a educação é sempre um ato político e transformador e exige um posicionamento crítico - como a BNCC, que alicerça o Ensino Religioso a partir dos princípios da imanência e transcendência. Entretanto, a transcendência não pertence exclusivamente ao domínio teológico, podendo expressar dimensões constitutivas do ser humano como defendem Rohr (2010, 2013) e Ferreira et al (2016). Ou seja, compreender o humano como um ser que não está acabado e é capaz de atuar para além das infinitas possibilidades dos contornos da imanência, ultrapassando as demarcações desse domínio.

Enquanto, a religião diz respeito ao aspecto institucional e doutrinário, de acordo com o CRP-SP (2015): “Religiosidade: modo pessoal de lidar ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas, que podem estar ou não ligadas a uma instituição”. Por exemplo, temos os chamados “Intervalos bíblicos” nas escolas, onde tais iniciativas podem ser individuais ou coletivas assim como variar no grau de expressão e intensidade, conforme suas vivências, experiências e interpretações. Por sua vez, a Espiritualidade não se associa obrigatoriamente e nem somente existe correlacionado à sistematização de crenças e práticas da religião. No presente estudo, a proposta é de uma Espiritualidade tomada como uma das dimensões humanas cocriadoras do ser e de realidades e que deveria ser contemplada no processo de formação humana, como diz Röhr (2013, p.21): “Refletir sobre a Espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano.”

No Estado da Arte, Santana (2024) traz o mapeamento que o Núcleo de Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação no Centro de Educação/UFPE tem aprofundando essa discussão a partir de diferentes perspectivas epistemológicas e ontológicas tomando a educação como formação humana (Rhör, 2012, 2013; Freitas, 2012; Rodrigues, 2001) assim como a Espiritualidade voltada para a (trans)formação humana aos humanos, não humanos e extra humanos rompendo com perspectivas antropocêntricas e colonialistas e de resistências às lógicas neoliberais e utilitaristas.

Desse modo, essa temática também se torna indispensável para re/conhecer antigas, recentes ou novas ideias ou perspectivas sobre as compreensões e noções da Espiritualidade nos concluintes e formados que tem como objetivo geral compreender as concepções que estudantes concluintes e recém-formados do curso de pedagogia do Centro de Educação da



Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) têm sobre espiritualidade e suas relações com o campo educacional. Para alcançar esse objetivo, faz-se necessário especificamente mapear as principais concepções de Espiritualidade adotadas pelos graduandos e recém-formados, assim como problematizar as possíveis relações entre Espiritualidade e Educação, segundo a narrativa dos estudantes concluintes e recém-formados.

Ao investigar a temática na BNCC (2018) percebemos a presença da palavra Espiritualidade contudo vinculada a manifestação religiosa e, ainda assim, ao ler sobre os princípios da imanência e transcendência, detecta-se o uso como subsídios teóricos ao domínio da religião e suas demarcações teológicas. E, nesse ínterim, a religião, o ensino religioso e a religiosidade apresentam-se emaranhados, misturados confusamente, sem uma certa clareza e delimitação, permitindo práticas como os “intervalos bíblicos” onde o próprio Ministério Público de Pernambuco recebeu denúncias de “cultos evangélicos” em escolas estaduais (Diário de Pernambuco, 2024).

Em um contexto marcado por projetos neoliberais e fundamentalismo religioso, tanto a educação como a espiritualidade são tensionadas pelas agendas contrárias a vida e ao desencantamento de mundo como diz Rufino (2021, p.7): “o chamado fim do mundo não é uma profecia, mas sim uma prática sistêmica que sustenta a modernidade e se perpetua ao longo de um tempo encapsulado pelas promessas de progresso e desenvolvimento civilizatório.”

Sendo assim, no decorrer deste artigo, o primeiro item: “Formação humana e espiritualidade: um enlace necessário” versa sobre a Espiritualidade como dimensão espiritual indispensável para a contínua humanização do ser humano e o segundo item: “(Trans)formação humana e Espiritualidade Decolonial” aborda sobre as transformações a partir da Espiritualidade como comprometimento que forma, deformar e reformar o modo do ser perante as existências humanas, não humanas e extra-humanas.

FORMAÇÃO HUMANA E ESPIRITUALIDADE: UM ENLACE NECESSÁRIO

A educação vem sendo cada vez mais capturada para o desenvolvimento de habilidades, técnicas e acúmulo do capital (Laval, 2004) e assim sendo submetida aos interesses do mercado, a escola converte-se em um espaço de geração de lucro (Freitas, 2018). O primeiro compromisso da educação é com a vida, que considere a existência e as correlações do ser humano, dos animais, das plantas, do solo, dos astros. Para isso, é impreterível a educação integral. Indubitavelmente uma integralidade que comporte a



dimensão espiritual, na qual a transcendência seja tratada não apenas como produto ou como resultado de um processo, mas como algo cocriador, construtor, potencializador e transformador de realidades. Essa disputa entre uma educação voltada para a formação humana, com sujeitos multidimensionais e integral e uma educação focada na formação de indivíduos do desempenho, da eficiência e produção legitimou-se ainda mais com a BNCC. De acordo com Laval (2004, p.86): “[...] as palavras nunca são neutras, nem mesmo quando querem ser apenas técnicas, operacionais, descritivas”. Diante dessas perspectivas, faz-se necessário analisar as habilidades da BNCC atreladas aos atritos de dois conceitos de inadiável distinção ao Ensino Religioso: a ética e a moral.

A moral remete ao conjunto de hábitos, costumes e valores admitidos por um indivíduo, grupo ou sociedade, sendo considerada como o que é certo ou errado e, na maioria das vezes, é fundamentada em tradições culturais ou religiosas. Exposto isso, a BNCC (2018, p. 449), no Ensino Religioso, em habilidades traz: “(EF04ER04) Identificar as diversas formas de expressão da espiritualidade (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação) nas diferentes tradições religiosas.” De acordo com a moral e a proposta de habilidade, ocorre o entendimento de que há formas de orar que são únicas e verdadeiras, enquanto outras são falsas; há cultos que são edificantes ao grupo familiar e outros que são contrários às crenças das famílias; há gestos sagrados e outros profanos; há cantos louváveis e outros diabólicos; etc. Entretanto, isto é Religião ou Religiosidade; contudo a Espiritualidade não é isso.

De acordo com Chauí (2000, p. 436): “[...] Ética, [...] é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais.” A ética é a escolha do indivíduo perante a sociedade formando pactos coletivos; mas, o que é ético para uma pessoa, pode não ser ético para outrem. A BNCC (2018, p. 445), no Ensino Religioso, traz outra habilidade: “(EF07ER02) Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos)”. Nesse entrelace entre a ética e a proposta da habilidade, pode-se pensar sobre: se, durante um acidente violento, um médico aponta ser necessário realizar a imediata transfusão de sangue para salvar a vítima, segue-se pela ética médica. Mas, o acidentado pode em sua ética individual recusar e preferir aguardar o inesperado ou um método alternativo. Ainda assim, trata-se sobre Religião e Religiosidade e não sobre Espiritualidade.

Percebe-se que uma educação baseada no ser biopsicossocial e alicerçada na moral e/ou ética não consegue equacionar as divergências e confrontos do mundo. É absolutamente preciso ir além do sujeito social ético (Rodrigues, 2001). Portanto, para não repetir as grandes



tragédias do passado, não continuar com uma educação a serviço do desencantamento da vida e não perpetuar a espiral do cognocentrismo e as mutações educacionais advindas do neoliberalismo, é que para o mas, como uma formação humana integral, admitindo o sujeito como um ser bio-psico-sócio-espiritual e outros modos de manifestação e expressões da vida.

Enlaçar a Espiritualidade e a Formação Humana não é propor uma anti-teoria mas, propor uma outra teoria, na qual o substrato da educação seja a vida integral, assim dizendo: transcendental, espiritual e plurifacetada. É caminhar por um raciocínio e uma lógica legítima, científica e enigmática. Com isso, destaca-se uma outra diferença, a necessidade e a consequência sobre a Espiritualidade na/para Formação Humana, pois, se a moral é a regra - sobre o certo e o errado - baseada em uma dualidade da vida e a ética é a escolha - entre a ação e a omissão respaldada com os outros sobre as relações no mundo, a Espiritualidade é sobre comprometer-se e transformar-se para as existências, coexistências e interdependências.

(TRANS)FORMAÇÃO HUMANA E ESPIRITUALIDADE DECOLONIAL

A Espiritualidade como comprometimento é estritamente associada à perspectiva da transformação. Não é mais o humano que transforma unilateralmente o mundo, e sim o ser humano que transforma a si (intrapessoal), entre si (interpessoal) e em correlação com o mundo (transpessoal). Essa transformação é o ato de incorporar os seres vivos e os “ditos” seres não vivos, humanos e extra-humanos, no horizonte da legitimidade do existir que, só pelo fato de existir, carrega por si só, um propósito singular. Como afirma Krenak (2022):

A grande diferença que existe do pensamento dos indígenas e dos brancos, é que os brancos acham que o ambiente é “recurso natural”, como se fosse um almoxarifado onde você vai e tira as coisas. No pensamento do índio, se existe um lugar onde você pode transitar por ele, é um lugar em que tem que se pisar suavemente, andar com cuidado, porque ele está cheio de outras presenças.

Para o ser humano, a árvore é mais um elemento secundário à hierarquização da vida útil em que o ser humano é o ápice de um processo de evolução universal. Mas, para outros seres humanos, não-humanos e extra humanos, a árvore é um elemento cósmico que assusta e ameaça o projeto e a racionalização capitalista-colonialista. A árvore é interligada a saberes ancestrais, territórios vivos e redes de reciprocidade, sendo uma entidade que coexiste e coevolui com outros/as. Para além de uma visão antropocêntrica, nota-se que não é a árvore uma entidade subordinada ao ser humano, mas um eixo de criação e sustentação de uma complexa teia da cosmo percepção da vida. Isto é, os povos originários não concebem a árvore apenas como madeira, sombra ou fruto, mas consideram a árvore como memória, como história, como morada do sagrado e como sujeito de direito.



Entretanto, adverte-nos Ferreira et al. (2024, p. 230): “[...] Falar de espiritualidade ou levantar a bandeira do espiritual não é o suficiente para propor uma ética da transformação humana e social, uma vez que a espiritualidade, ela mesma, é (ou pode ser) sequestrada pela lógica da colonialidade.” Portanto, refletir e comprometer-se contra o proselitismo, reducionismo e a captura da Espiritualidade, na lógica racionalista, desumanizadora e subalternizadora, é selar o nosso mais profundo pacto de re/existir. É preciso propor e tentar avançar para o mundo das fissuras, das rupturas, das fendas, das possibilidades de uma espiritualidade mais solidária, amorosa, compassiva, comunitária, mundana e cósmica.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e perspectiva participativa, fundamentada na análise temática de Minayo (2016) para o exame dos dados provenientes de questionários e entrevistas semiestruturadas. Buscou-se compreender os sentidos, significados e interpretações atribuídos à Espiritualidade por concluintes e recém-formados do Curso de Pedagogia do Centro de Educação/UFPE

Participaram 93 sujeitos, sendo 71 graduandos (17,79% dos vinculados ativamente ao curso de licenciatura em Pedagogia em 2024.2) e 22 recém-formados (2023-2024), com idades entre 21 e 69 anos. A amostra compôs-se majoritariamente por mulheres (73), seguidas de 19 homens e 1 pessoa não-binária, dos quais 92 se autodeclararam cisgêneros. Quanto à autodeclaração étnico-racial, participaram 31 pessoas brancas, 35 pardas, 25 negras e 2 amarelas.

No tocante a religião, houve ampla diversidade: 30 católicos, 27 evangélicos, 9 agnósticos, 6 não religiosos, 4 ateus, 4 espíritas, 3 espiritualistas, 2 candomblecistas, 2 juremeiros, 2 umbandistas, além de 1 ortodoxo, 1 deísta, 1 panteísta e 1 testemunha de Jeová. Quanto à renda familiar, predominaram os sujeitos com até dois salários mínimos (55,9%).

O questionário, composto por questões abertas e fechadas, abordou as compreensões sobre Espiritualidade, sua justificativa relacional com a Educação, sua presença nos componentes curriculares e na BNCC, e o debate sobre sua inclusão no espaço escolar. Posteriormente, seis participantes foram selecionados - três graduandos e três egressos - para entrevistas semiestruturadas via Google Meet, agrupados conforme o teor de seus discursos: mais religioso, híbrido ou mais espiritual, visando aprofundar as nuances de suas compreensões e interpretações sobre a Espiritualidade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que refere-se a compreensão de Espiritualidade os participantes ao serem questionados: “Qual é a sua compreensão de Espiritualidade?” emergiram sete macrocategorias: A Espiritualidade como Religião (49) com termos como religião, crença, credo, fé, religiosidade ou uma busca pelo significado, sentido ou propósito de vida com um vínculo ou dependência entre o humano e Deus; A Espiritualidade como Acontecimento não-religioso (22) sobressaindo-se as palavras ou nos termos como interpretação filosófica da materialidade da vida, responder sobre a própria vida ou existência neste mundo ou por uma explicação que ainda não sabemos ou não temos cientificamente; A Espiritualidade como Formação Humana (16) evidenciando as palavras ou termos como dimensão do ser humano, dimensão integral do ser ou a busca pelo significado, sentido ou propósito de vida podendo estar ou não estar relacionadas a religião; A Espiritualidade como Aquisição de valores supremos e altruístas (4) salienta-se as palavras/termos como despertar/promover os valores/sentimentos de amor, empatia, respeito, compreensão, perdão assim como trabalhos com os valores humanos; A Espiritualidade como processos de mudança e transformação do sujeito (3) distingue-se as palavras ou termos como processo de reflexão profunda de si mesmo, seus pensamentos e ações, construção e reconstrução da compreensão sobre a vida e o homem em que a consciência, por si, alcança diversos níveis de exploração da realidade, transcendendo e ressignificando a própria vida e o que move. Por fim, a relação com sua própria existência e as experiências das suas relações consigo e com o mundo; A Espiritualidade como participativa decolonial (3) revela-se nas palavras/termos, conexão com algo que transcende a materialidade da vida, como as entidades e a natureza, dimensão extracorpórea que se conecta com os seres vivos, busca por significado mais profundo da vida como a natureza, as pessoas, consigo mesmo e com os outros e o encontro consigo mesmo, e a manifestação no respeitar permitindo um fluxo maior com a própria existência, um caminho de relação consigo mesmo e com a vida plena. Por fim, Não sabe dizer (1).

No que diz respeito, à relação e justificativa entre Espiritualidade e Educação, ao serem questionados: “Na sua opinião, há alguma relação entre Espiritualidade e Educação?” Sim ou não? Justifique.” Obteve-se 85 participantes que responderam afirmativamente, 5 negativamente e 3 não souberam responder. As justificativas dividiram-se em dois eixos: (1) a Relação entre Estado e Religião, problematizando a laicidade e a permanência de signos cristãos no espaço público consoante ao que diz a participante 33: “ (...) Acredito que algumas religiões se valem da educação como forma de controle.” e como também afirma o



participante 64: “Deus, merece filhos discernidos academicamente. A educação em nosso País começou com uma obra missionária”. (2) a Relação entre Educação, Religião e Formação do ser humano, na qual a espiritualidade é vista como via educar para valores éticos, emocionais e humanitários como diz a participante 77: “Na formação de reflexões sobre valores humanos e ética.” e ainda a participante 85: “(...) A espiritualidade pode enriquecer a educação ao criar valores como empatia, respeito, propósito e autoconhecimento”.

Dito isso, os participantes acreditam que a Espiritualidade como Religião é capaz de promover um ser mais humanizado. Entretanto, retoma-se a discussão sobre a moral, a ética e a espiritualidade surgindo o impasse sobre a universalidade de princípios e valores. Se essa Espiritualidade, como Religião, traz elementos para influenciar a construção do ser humano, quais serão: a moral ou a ética; as emoções ou os sentimentos que servirão de base para um sujeito mais interconectado e interligado consigo, com os outros humano, com os não humanos e os extra-humanos? Ou há um caminho para garantir uma Espiritualidade como Religião e sua relação com a Educação e alcançar o que propõe a Participante 96: “Uma relação de complementação. A religião pode agregar muito ao desenvolvimento integral dos nossos conceitos educacionais, interagindo diretamente com a forma com que colocamos esses conceitos em prática”.

No tocante às palavras-chave sobre Educação e Espiritualidade, ao serem indagados: “Cite três palavras-chave quando você pensa em Educação e Espiritualidade, atingiu-se o conjunto total de 158 palavras. Desse montante, temos 18 repetições sobre a palavra Respeito. Mas esse respeito evoca qual sentido e significado? O respeito de não causar prejuízo, não perturbar, ter cuidado, tomar considerações, ter deferência, dar dignidade ou o respeito de ter medo, de coagir, tolerar o intolerável, suportar o insuportável, aquilo ou aquele que não pode ser ou não deve sê-lo? Respeito não significa concordar com tudo, mas, sob nenhuma circunstância, deve significar desumanizar o ser humano, desviver a vida e desencantar as outras possibilidades de ser e de existir, favorecendo uma espiritualidade deturpada e específica em detrimento de outras e, por consequência, em extremismos que nos conduziram ao Paradoxo da Tolerância. do filósofo Karl Popper.

No que refere-se à presença da temática nos componentes curriculares, ao serem interpelados sobre: “Em quantos componentes curriculares você teve alguma experiência sobre discussões e práticas relacionadas à educação, a espiritualidade e ao componente curricular?”. 31 participantes declararam não ter vivenciado discussões sobre espiritualidade, 36 apenas em um componente e 26 em dois ou mais. Tais dados, indicam o fomento da



Espiritualidade para combater uma formação sem fundamentos teórico-pedagógicos dos profissionais da área da educação ou uma interpretação generalista sobre Espiritualidade como religião. Com isso, a formação humana e a Espiritualidade são postas à mercê da lógica e da racionalidade do Antropoceno como afirma Ferreira et al. (2024, p. 237): “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano e do que seja Espiritualidade”.

Quanto a leitura sobre Espiritualidade na BNCC, ao serem perguntados: “Durante a sua formação pedagógica, você leu sobre a Espiritualidade na BNCC?” Com 81 respostas negativas - evidencia tanto lacunas de formação docente quanto a hegemonia de um discurso político-educacional que, sob aparência de neutralidade, perpetua uma espiritualidade ocidentalizada, cristã e utilitarista (Ferreira et al., 2024).

Por fim, em relação sobre a temática a ser discutida na escola, ao perguntar: “Na sua opinião, os professores da Educação Básica deveriam discutir/incluir a temática Espiritualidade na escola e/ou sala de aula?” 80 participantes responderam sim e 13 não. Mas, como maioria dos participantes podem ser a favor da discussão e do debate na escola e/ou sala de aula e, contraditoriamente, essa mesma maioria não ter lido sobre Espiritualidade na BNCC? Essa ausência de embasamento teórico-pedagógico ocasiona que as compreensões e interpretações de Espiritualidade fique à mercê da identidade e da subjetividade do professor, que distorce ou reduz a Espiritualidade como religião, religiosidade, crença, credo ou fé de acordo com suas visões dogmáticas ou parciais ou ainda endossada pelos projetos de poder neoliberais e capitalistas.

No discurso de teor mais religioso, para a Graduanda 1, “A Espiritualidade é feita cotidianamente, como algo a ser feito para o ser humano sobreviver como comer e beber água”. Como praticante da religião cristã, a leitura bíblica da palavra e a oração são exercícios fundamentais para a manutenção e ação de sua espiritualidade. Entretanto, ressalta a condição de laicidade na Educação, e que a escola é laica. Contudo, afirma que a pauta da diversidade religiosa deve ser iniciada nas escolas de modo mais amplo, não escolhendo somente um viés religioso como ocorre no intervalo bíblico. Enquanto para o Formando 1: “A Espiritualidade é algo esotérico, isto é, algo fora, algo além, algo que não tem uma explicação plausível dentro da ciência” afirmando logo em seguida que: “A Espiritualidade e a Religião são processos que caminham juntos e tocam-se mais cedo ou mais tarde, onde em algum momento, essa Espiritualidade vai caminhar e fundamentar-se em uma fé, religião, crença ou credo”.



No discurso híbrido, para o Graduando 2: “Para mim, a Espiritualidade é algo voltado à minha fé, que consigo ter um tempo para silenciar, em quietude, em reflexões. É o que ajuda a enxergar-me e entender-me.” Mas, também adverte: “Identifico-me com a religiosidade e espiritualidade, mas tem pessoas que tem uma espiritualidade e não são religiosas, elas alimentam a Espiritualidade delas de outra forma”. Para a Formanda 2: “Através dessa Espiritualidade, eu posso me entender melhor, me aproximar melhor, entender as minhas fraquezas; mas uma pessoa sem religião pode estabelecer esse processo sem está ligada a religião.” Para ela, a Espiritualidade não tem necessariamente vínculo com a religião, embora, através da Religião, acredite que possa desenvolver a Espiritualidade concebendo a oração ou reza como uma prática espiritual e religiosa.

No discurso mais espiritual, o Graduando 3 diz que: “A Espiritualidade é uma relação que o ser humano tem consigo mesmo, com a natureza, com o mundo, que seja essencial e que consiga ter um sentido/propósito nesse mundo para estar no mundo, podendo ser qualquer coisa até mesmo uma Espiritualidade Ateia”. Discorre que tem uma relação intensa com a natureza e conclui que “Se essa relação faltar durante muito tempo, eu não sei dizer se eu me reconheceria como ser humano”. Também aponta que “É quase uma regra faltando apenas ser uma regra escrita, tornando-se uma relação Frankenstein” - sobre os elementos religiosos nos aparelhos e mecanismos estatais, por mais que discute-se sobre a laicidade no Brasil ratificando o que diz Silva et al (2020, p.1): “Outro elemento historicamente estruturante das relações de dominação no Brasil, ainda hoje atuais, é o papel da religião (...). Institucionalmente fundidos pela vigência do regime do padroado, Igreja e Estado se preservaram como verdadeiros pilares dos sistemas de dominação econômica, política e cultural”. Para a Formanda 3: “Eu precisei fazer um pacto comigo para me manter viva e, para isso, eu teria que me apaixonar pela vida. Então é complexo falar de Espiritualidade porque essa Espiritualidade precisa estar ligada a outras dimensões”. Para ela, a Espiritualidade está dentro da escuta, da palavra, da vontade e do querer de “quero que meus alunos se desenvolvam” para “passar ao campo do envolvimento” tomando a Espiritualidade como potência ao dizer: “É aquela potência que te faz estar vivo, no meu respirar, no meu cantar, no sentir do caminhar com os pés no chão, na brisa do vento do meu rosto, e isso está aqui formando-me como pessoa.”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia que uma parcela significativa dos graduandos e recém-formados em Pedagogia do Centro de Educação da UFPE compreende a Espiritualidade como Religião, revelando a persistência de uma matriz teológica-cristã que pode gerar enviesamentos ontológicos e epistemológicos assim como práticas proselitistas, como o chamado “intervalo bíblico”.

Neste estudo, mapeou-se seis concepções de Espiritualidade sendo: 1) como Religião: isto é, a interpretação relacionada intrinsecamente e inerentemente à Religião e Religiosidade; 2) como Formação humana: ou seja, como mais uma dimensão para a formação do ser humano; 3) como Acontecimento não-religioso: digo, a interpretação da Espiritualidade baseada/explicada na materialidade da vida ou pela filosofia; 4) como Aquisição de valores supremos e altruísta: quer dizer, a interpretação como fundamento dos sentimentos mais relacionados às virtudes do ser humano, assim como aos valores éticos, humanitários e altruístas; 5) como Processos de mudança e transformação do sujeito: falo da perspectiva da Espiritualidade como transformação de si, ter contato com um modo de vida e viver em compromisso com esse modo de vida, sem dissonâncias entre a teoria e a prática e 6) como Participativa decolonial: seria viver uma Espiritualidade considerando outros seres como os animais, as plantas, as entidades como sujeitos de direitos e o ser humano como mais um elemento em coevolução, ao invés de uma evolução antropocêntrica.

Apesar de 80% dos participantes defenderem o debate sobre Espiritualidade na escola, salienta-se que a ausência de leitura da BNCC e de formação teórica-pedagógica consistente indica o risco de reduzi-la a instrumentalização religiosa ou mercadológica desvirtuando-a de seus fins formativos do ser humano, da vida e do esvaziamento do próprio conceito em si. Assim, urge reforçar o espaço dos diálogos e afetos, dos pensamentos e reflexões críticas que articulem outros modos de ser, saber e poder.

REFERÊNCIAS

Ailton Krenak fala sobre palestra que proferirá no IV Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Luiza Baggio. CBHSF, 09/08/2022. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/cbhsofrancisco/ailton-krenak-fala-sobre-palestra-que-proferira-no-iv-sbhsf-travessia-131>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018;

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000;



FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; RIBEIRO, Ronilda. **Psicologia transpessoal: transcendência na imanência**. Psicologia, espiritualidade e epistemologias não hegemônicas: v.3. Tradução. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; SILVA, Carlos Rocha da; SANTOS, Adriano Albino dos. **Psicologia Transpessoal e a Espiritualidade Participativa Decolonial**.

FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra;

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011;

FREITAS, Alexandre Simões de. O 'Cuidado de Si' como articulador de uma nova relação entre educação e espiritualidade. **Diálogos em educação e espiritualidade**. RÖHR, Ferdinand (Org.) 2. Ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FREITAS, Luis Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LUCENA, Adelmo. **Ministério Público recebe denúncia de cultos evangélicos em escolas estaduais**. Diário de Pernambuco, Recife, 11 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2024/10/ministerio-publico-recebe-denuncia-de-cultos-evangelicos-em-escolas.html>.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: Da formação humana à construção do sujeito ético**. Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, Outubro/2001

Relatório-Síntese das Discussões dos Seminários Estaduais Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Psicologia, espiritualidade epistemologias não hegemônicas: v.3. Tradução. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade: Contribuições para uma Compreensão Multidimensional da Realidade, do Homem e da Educação**. 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2013;

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Formação Humana. **POIÉSIS, Tubarão**, Número ESPECIAL: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 53 - 68, 2011.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: Educação e Descolonização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021;

SANTANA, José. **ESQUIZOESPIRITUALIDADES E CORPO-AMÉFRICAS: implicações pedagógicas para sentipensar a formação humana**. Recife, 2024. 317 p. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco.

